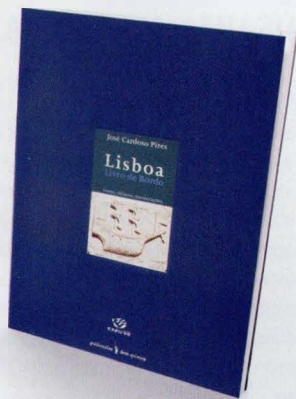


*“Logo a abrir, apareces-me pousada sobre o Tejo como uma cidade de navegar. Não me admiro: sempre que me sinto em alturas de abranger o mundo, no pico dum miradouro ou sentado numa nuvem, vejo-te em cidade-nave, barca com ruas e jardins por dentro, e até a brisa que corre me sabe a sal. Há ondas de mar aberto desenhadas nas tuas calçadas; há âncoras, há sereias.”*



*[...] “Ainda me lembro dos gatos que havia no jardim do Largo a toda a hora. Gatos no relvado, gatos no coreto, gatos a marinharem pelas palmeiras, nunca na minha vida vi tanto gato. O espírito do lugar: gatos e sinos...” [...]*

in Jornal Expresso, 8 de Novembro de 1997



**Lisboa, Livro de Bordo**  
**Vozes, Olhares, Memorações**  
 Publicações D. Quixote  
 € 24,95

Assim enceta José Cardoso Pires esta crónica com que se “despediu” da cidade. Uma edição que surgiu a par da Expo 98, mas que teve início em 1994, aquando da Lisboa Capital Europeia da Cultura, numa versão maior, posteriormente reeditada para dar origem a um bem-aventurado *Lisboa, Livro de Bordo*, com layout assinado por Henrique Cayatte. Com imagens de vários autores e reconhecidos artistas, todas escolhidas por Cardoso Pires, são 118 páginas ilustradas ao sabor da pena e das ideias, numa viagem que percorre Lisboa destes e de outros tempos, sem caminhos definidos, num percurso tomado por sentimentos e, a cada passo, trespassado de saudosas memórias. *Livro de Bordo*, como o próprio autor avisa, não é um roteiro turístico que desdobra os monumentos e o património, as praças e os típicos bairros alfacinhas que o mundo tão bem conhece. Aqui, Lisboa é colhida pela alma, pelo “espírito do lugar” que nenhuma vista, por abrangente e deslumbrante que seja, permite sentir. É andando nas suas ruas, ouvindo-a, respirando-a, que Cardoso Pires desfolha Lisboa, lhe desvenda o feito, os gostos e os segredos mais velados. Das muitas cores, de perfumes e de cheiros, vozes e timbres, jeitos e trejeitos cheios de significado, se faz esta viagem. Os inúmeros detalhes que nos passam despercebidos, os lugares que foram seus por muitas décadas, símbolos eternos da cidade, tantas vezes intrigantes, e uma sentida ternura pela sintaxe das gentes, repleta de códigos que Cardoso Pires traz à luz, levantando o véu à expressão irónica, à metáfora humorística, à verve de um povo de língua mutante. Seduzidos, embarcamos, também nós, a bordo de um livro onde José Cardoso Pires mostra o génio que, desde sempre, o caracterizou – a ausência de acanho numa ferroada aqui e ali, onde quer que o entenda, onde a ache premente.

José Cardoso Pires nasceu em São João do Peso, concelho de Vila de Rei, em 1925. Pouco depois de vir ao mundo, seus pais mudam-se para Lisboa, assentando morada na Rua José Carlos Barreiros, em Arroios. É neste eixo da Almirante Reis que decorre a juventude de Cardoso Pires, entre os cafés e os bilhares da Portugália. Aluno no Liceu Camões e, adiante, da Faculdade de Ciências de Lisboa, acaba por

# A CIDADE DE JOSÉ CARDOSO PIRES

LEMBRANDO ESTE ILUSTRE AUTOR, ELEGEMOS O LIVRO *LISBOA, LIVRO DE BORDO – VOZES, OLHARES, MEMORAÇÕES*, A SUA ÚLTIMA OBRA. UM RELATO SENTIDO SOBRE A CIDADE QUE O VIU CRESCER. COM ELE, PARTIMOS TAMBÉM, LISBOA FORA, SABOREADA SOB O OLHAR DESTES GRANDE ESCRITOR.

não concluir o curso de Matemáticas Superiores, para ingressar na Marinha Mercante.

Já colaborava num jornal e numa revista do Instituto Francês, quando a PIDE lhe bateu à porta. “Não me interrogaram, não me deixaram dormir durante três dias e depois puseram-me na rua sem interrogatório, sem nada [...]”. As suas *Histórias de Amor* (1952), ficaram por ali... Em 1954, casa com Edite Pereira e exila-se em Paris e no Brasil. Depois do 25 de Abril, é vereador na Câmara Municipal de Lisboa e director-adjunto do “Diário de Lisboa”, cargos que abandona para se dedicar em exclusivo à escrita. Deixou-nos contos e romances, de onde se destacam *O Hóspede de Job* (1963), obra trespassada de humanismo, que reflecte a solidão dos homens do Alentejo e da sua solidariedade nos momentos difíceis. Falando da miséria e da exploração dos camponeses, Cardoso Pires critica, ainda, o lirismo do neo-realismo português. Em 1968, em *O Delfim*, volta a focar o mesmo aspecto, na figura de um moderno “morgado” do Sul, pondo-lhe a nu o marialvismo e o semblante feudal, numa vida vazia e de aparências que negligencia as necessidades das gentes que o rodeiam. Foi alvo de críticas, até pela moderna técnica de efabular. Sobre essa interessante faceta do escritor, Óscar Lopes deixa uma nota a reter: “Cardoso Pires inventou uma espécie de discurso indirecto livre, que até aos especialistas de linguística custa a analisar.” Deu à praça dezoito obras e, da experiência amarga de um ataque cardiovascular, surge *De Profundis, Valsa Lenta*, onde descreve o estado de coma em que caiu. No mesmo ano a derradeira obra, *Lisboa, Livro de Bordo*. José Cardoso Pires morre em 1998. Tivemos a notícia na manhã de 26 de Outubro.

Cardoso Pires viu a sua obra e personalidade premiada onze vezes. A última foi em 1998, com o **Grande Prémio Vida Literária** da Associação Portuguesa de Escritores, um dos mais importantes prémios literários portugueses, que se destina a galardoar a carreira e o conjunto da obra de um autor e que conta com o patrocínio da CGD, desde a sua criação, em 1992.

[...] “Um tipo só gosta de uma cidade – e é isso que eu pretendia que se sentisse neste meu livro – quando é cúmplice dela. Interrogar a cidade é fácil, isso qualquer turista faz. Mas um tipo só está a viver numa cidade quando se sente interrogado por ela: “O que é que tu tens a ver comigo?”, “Porque é que tu estás aqui?”, “Como é que tu te adaptas?”, “Porque é que tu não te entendes?” [...]

In *Jornal de Letras*, 19 de Novembro 1997





Escolha-se um qualquer dia para nos embrenharmos pelos sopés de cada uma das colinas de Lisboa e suba-se ao Castelo de São Jorge, a primeira, de entre as sete, que se encheu de vida para fazer nascer a história desta cidade. A sul, “em formato de postal”, ei-la luminosa sob o céu, “com o rio em fundo num azul de entontecer. O Tejo visto do mastro real, poderia dizer-se.”

Na Graça, travam-se intimidades. Vila Berta, um recanto de “casas bordadas de flores – e silêncio. Uma paz súbita, quase secreta. Varandas, colunas e remates de ferro, lembram a escola de Eiffel e os desenhos do azulejo têm colorido do despon-tar do século.” É por estes bairros que Lisboa exhibe a sua gente mais genuína. Que ainda recorda os corvos, os “vicentes”, aos pulinhos por becos e travessas, toponí-mia de caminhos em redor da Sé – Pátio do Corvo, Rua dos Corvos, Terreiro do Corvo. Tome-se o Eléctrico 28, de ouvido e olhar atento ao gesto, à frase, a uma, duas palavras, estridentes ou entre dentes, repletas de humor, jocosas e trocistas. E sentir, ainda, os cheiros que emanam de muitos lados. Peixes na grelha, castanha na brasa, flores. Desça-se ao Rossio, mire-se a enigmática estátua do imperador Maximiliano do México, que ali figura nas vezes do rei D. Pedro IV, um mistério na nossa História, aprecie-se a graça das floristas e saboreie-se um café no velho Nicola, onde Bocage tinha mesa de tertúlia e conspirava “contra a sociedade de polícias e de monges-bufos que havia de o levar à prisão.” Daqui, vá-se ao Terreiro do Paço, ao Martinho da Arcada, onde Pessoa vinha “bancar com uns poetas do entardecer que ele lá sabia”. E de onde *A Mensagem* se fez livro.





## Vamos, então, pela cidade encantada, como Cardoso Pires, sentir aromas de maresia, luzes e cores e descobrir bons e velhos pedaços de Lisboa.

Cheira já a maresia. Mas o terreiro não permite brandos momentos à beira-rio. Siga-se ao Cais do Sodré, ao British Bar, onde o nosso escritor repousava amiúde, driblando pensamentos e conversas ao sabor de *ginger-beer* à pressão, e o relógio “caranguejo” desenrolava as horas certas. E aqui sim, abeiremo-nos do Tejo, ao embalo das gaivotas, ao horizonte percorrido por cacilheiros que prometem desembocar num outro lado, tão querido de Cardoso Pires – o cais do Ginjal. Suba-se a Rua do Alecrim ao Camões, a passos lentos, para ver Eça de Queirós de soslaio e seguir destino ao Chiado. Pessoa espera-nos na Brasileira e ainda há tempo de vasculhar as livrarias neste lugar romântico de Lisboa, a “Via dos Consagrados”. A sagrada peregrinação por estantes, livros e autores. Impõe-se, agora, a incursão ao Largo do Carmo – “Com o chafariz ao centro salpicado de passarinhos” – em louvor da Liberdade e do escritor, que neste lugar viveu “o momento mais comovedor” da sua “vida de cidadão”. “Largo do Carmo do ano de 1974, quem o pode esquecer?”. Bem perto, o Miradouro do Adamastor, no Alto de Santa Catarina. Outra vista deslumbrante, outro bairro lindíssimo, onde os mais velhos vêm apanhar sol, desentorpecer as pernas ou “ver navios”, e os gatos têm poiso à retaguarda. Aliás, *Lisboa, Livro de Bordo*, promove-os a espécie de estimação dos lisboetas. Ontem, hoje, amanhã, os gatos abundam, petiscam, vadiam, com ou sem dono, fiéis à sua personalidade. São da Bica. Ah, Rua da Bica, seu elevador, ladeira única de Lisboa, pintada de rio, onde a alma alfacinha perdura e há portas abertas noite dentro.

A viagem é longa e prossegue em outros pontos de Lisboa. Cada leitor tem o privilégio de seguir os trilhos a seu bel-prazer. Porque, em *Lisboa, Livro de Bordo*, o escritor da cidade recomenda muito mais. Em Benfica, o burlesco “bestiário” de azulejos do Palácio Fronteira e seus jardins; a intrigante multiplicidade de desenhos nas calçadas de Lisboa, numa sentida vénia ao trabalho dos calceteiros de Portugal; a descida ao Metropolitano, a Lisboa subterrânea que Cardoso Pires exalta, “provocado” pela pintura de artistas nacionais; a passagem por palcos com tantas vidas que são os jardins da Estrela, do Príncipe Real, das Amoreiras, onde outro bar histórico o acolheu – o Procópio; e, ainda, a recordação prazenteira da enorme criatividade impressa na cerâmica de Rafael Bordalo Pinheiro. Sigamos, pois, Cardoso Pires ao 382 do Campo Grande, a ver parte da obra dessa figura incontornável de Lisboa, [www.museubordalopinheiro.pt](http://www.museubordalopinheiro.pt). Um belo remate para esta emocionante viagem.



### Café Nicola

Praça D. Pedro IV, 24  
Rossio  
Tel.: 213 460 579

### Martinho da Arcada

Praça do Comércio  
Lisboa  
Tel.: 218 879 259  
Encerra aos domingos

### British Bar

Rua Bernardino Costa, 52-54  
Cais do Sodré  
Lisboa  
Tel.: 213 422 367  
Encerra aos domingos e feriados

### Procópio

Rua João Penha, 21-A  
Lisboa  
Tel.: 213 852 851

### Museu Bordalo Pinheiro

Campo Grande, 382  
Lisboa  
Tel.: 217 550 468  
Entrada: € 2  
De terça-feira a domingo, das 10h às 18h  
Encerra às segundas-feiras e feriados